

O MUNDO AOS SEUS PÉS

THE WORLD AT HIS FEET

O INGLÊS HAMISH FULTON É CONHECIDO POR TRANSFORMAR LONGAS CAMINHADAS, REALIZADAS EM LUGARES QUE VÃO DO ORDINÁRIO AO INÓSPITO, EM ARTE. COM UMA EXPOSIÇÃO EM SÃO PAULO, ELE APROVEITOU SUA PASSAGEM PELA CIDADE PARA COORDENAR UMA OBRA COLETIVA

ENGLISHMAN HAMISH FULTON IS KNOWN FOR TRANSFORMING LONG WALKS, TAKEN IN PLACES THAT RANGE FROM ORDINARY TO INHOSPITABLE, INTO ART. WITH AN EXHIBITION IN SÃO PAULO, HE TOOK ADVANTAGE OF HIS VISIT TO COORDINATE A COLLECTIVE WORK IN THE CITY

POR/BY VICTOR GOUVÉA
FOTOS/PHOTOS MARCELO NADDEO





U

UM SENHOR ALTIVO CAMINHA DE um lado para o outro sob a marquise do Parque Ibirapuera, em São Paulo. Vestindo uma calça cargo e um tênis esportivo, estuda pela última vez o espaço em que dirigiria uma obra de arte. Ele é Hamish Fulton, o primeiro "walking artist" de que se tem notícia, alguém que faz do ato de andar uma obra em si desde o fim dos anos 60, quando iniciou essa modalidade de arte contemporânea.

Os olhos agitados e os passos rápidos denunciam a ansiedade do artista inglês de 66 anos para coordenar os voluntários da caminhada coletiva que imaginou no curvilíneo espaço projetado por Oscar Niemeyer, uma das ações associadas à abertura de sua exposição na capital paulista. Cada um deveria se posicionar sobre o ponto inicial de uma linha no chão e percorrer seu curso até o fim em uma hora. Minha linha se estendia por cerca de 15 metros, exigindo passos de formiga bem calculados para não sobrar tempo. Apesar de Hamish não pedir silêncio, é instintivo se colocar em um estado meditativo logo no primeiro passo.

Nos anos 70, críticos ingleses tentaram enquadrá-lo no gênero *land art*, junto de nomes célebres como o colega Richard Long, o que Hamish recusou até criar a sua categorização. Foi tachado de romântico e escapista por aqueles que renegavam a proposta do jovem artista recém-formado na escola de artes Saint Martins: a de criar uma rota e segui-la. Simples assim, sem alterar nada ou ter obrigação de produzir qualquer material artístico sobre a experiência, apenas caminhando pelo trajeto planejado. "Você pode olhar os mapas à exaustão e sempre encontrará caminhadas interessantes", assegura, empolgado.

Nascido no ano seguinte ao do fim da Segunda Guerra Mundial, Hamish faz parte de uma geração que contestou de diversas formas a relação com o mundo. "Entendi que deveria ter minhas próprias opiniões e impressões. O comportamento e os pensamentos eram mais importantes do que uma escultura, por isso logo rejeitei a ideia de fazer trabalhos pesados e grandiosos", explica.

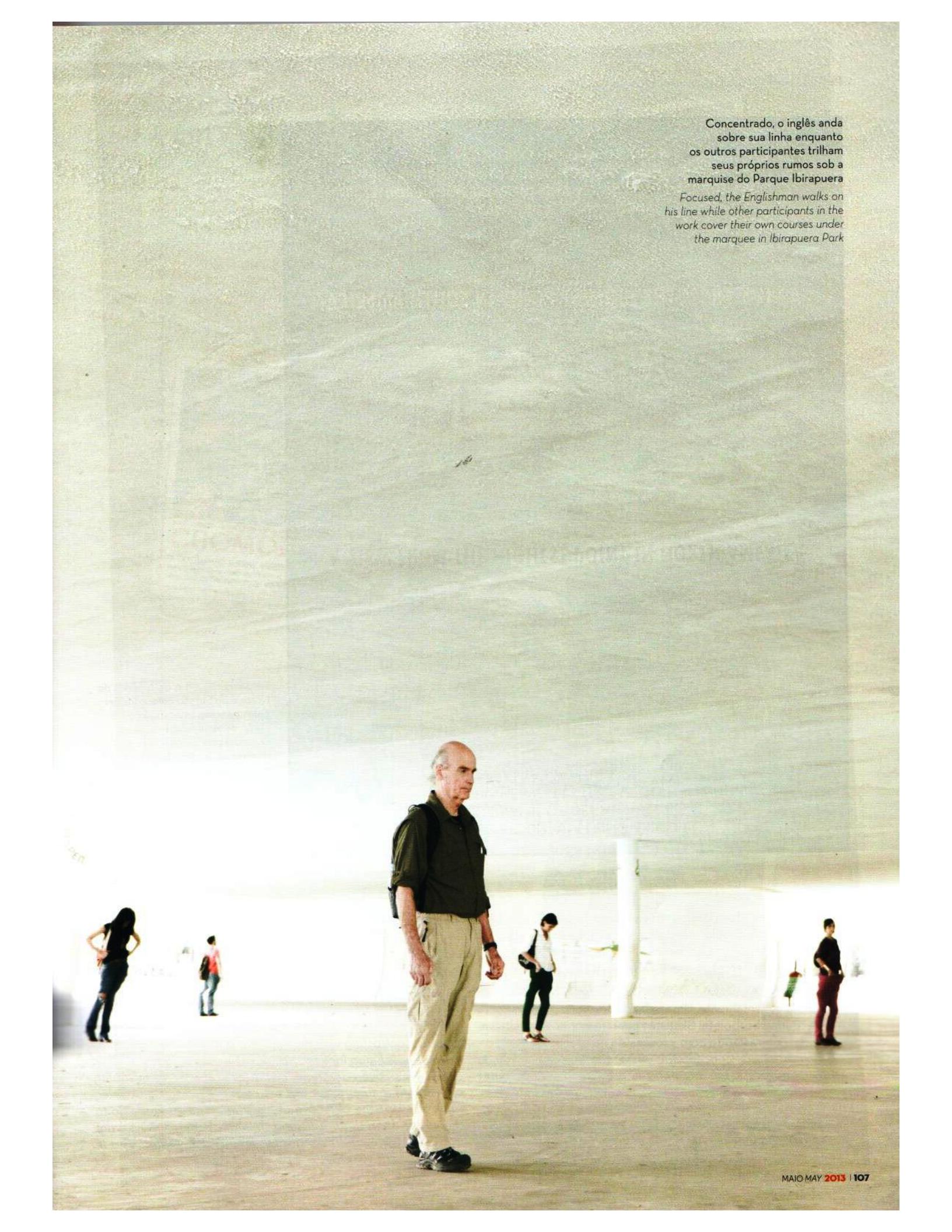
A proud gentleman walks from one side to the other under the marquee in São Paulo's Ibirapuera Park. Wearing cargo pants and sporty sneakers, he studies for the last time the space in which he'll install a work of art. He is Hamish Fulton, the first ever reported walking artist, someone who makes the act of walking works of art. He's been doing so since the late 1960s, when he introduced this form of contemporary art.

His excited eyes and quick steps betray the 66-year-old British artist's anxiety in coordinating the volunteers in the collective walk that he envisioned in the curved space designed by Oscar Niemeyer, one of the actions associated with the opening of his exhibition in the city of São Paulo. Each person should position themselves at the starting point of a line on the floor and cover its course until the end in one hour. My line stretched for about 50 feet [15 m], something that required little ant steps that were well-calculated in order to not finish ahead of time. Though Fulton did not ask for silence, it's instinctive to put yourself in a meditative state soon after the first step.

In the 1970s, British critics tried to group him into the category of land art, together with such big names as his colleague Richard Long, something which Fulton resisted until creating his own category. He was labeled as a romantic and escapist by those who denied the proposal of the young artist who had recently graduated from the art school Saint Martins: to create a route and follow it. Just that simple, without altering anything or having the obligation of producing any artistic material about the experience, only walking the proposed course. "You can look at maps and never run out of interesting walks to find," he assures excitedly.

Born in the year after the World War II ended, he is part of a generation which contested its relationship with the world in various ways. "I understood that I should have my own opinions and impressions. Behavior and thought were more important than a sculpture. This is why I rejected the idea of making heavy and grandioses works right away," he explains.



A photograph showing a man in a black shirt and tan pants walking across a grassy field. He is looking down at his feet. In the background, there are other people and a white marquee structure.

Concentrado, o inglês anda
sobre sua linha enquanto
os outros participantes trilham
seus próprios rumos sob a
marquise do Parque Ibirapuera

Focused, the Englishman walks on
his line while other participants in the
work cover their own courses under
the marquee in Ibirapuera Park

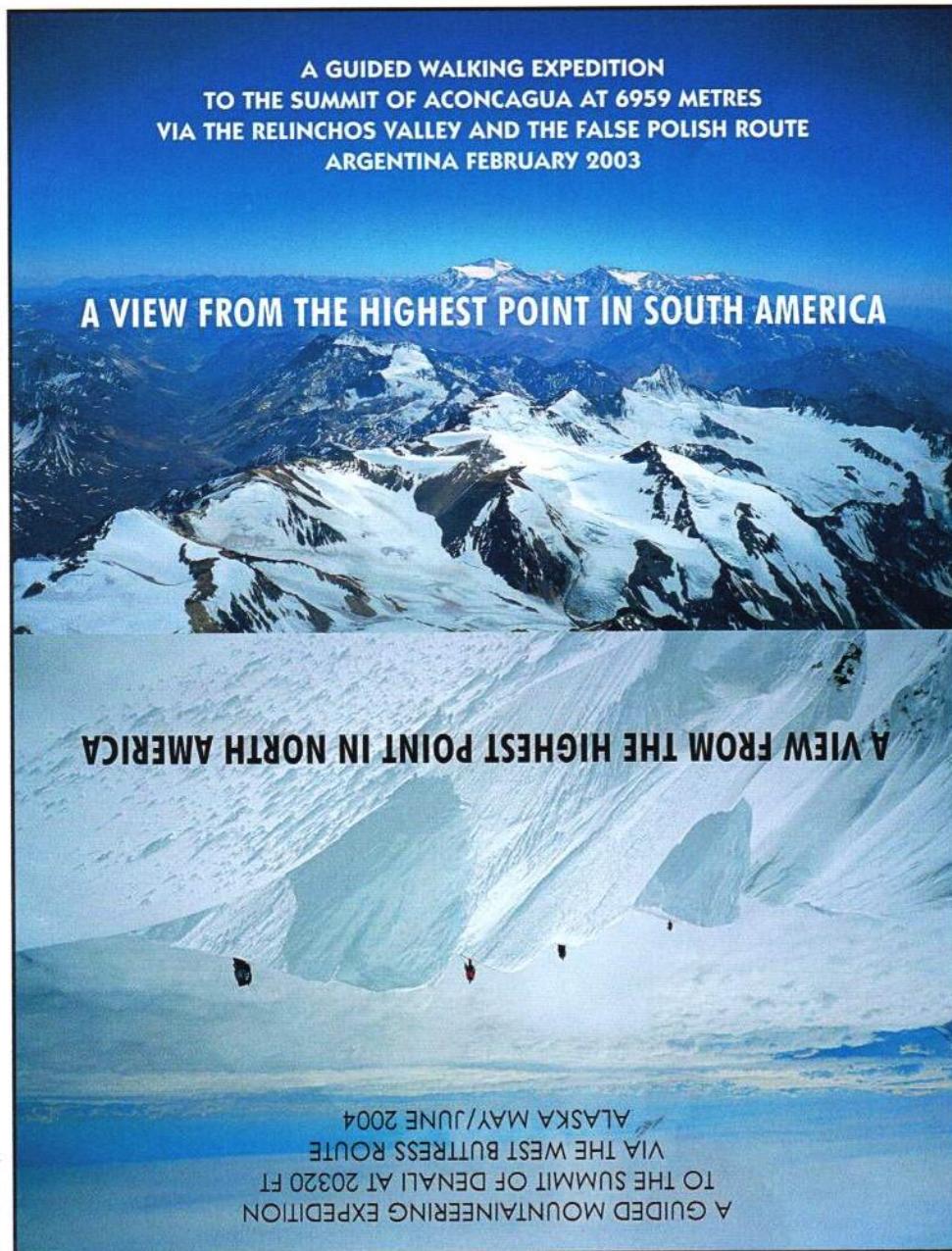


FOTO: DIVULGAÇÃO

PASSO À PASSO

Os primeiros minutos dando passos a um ritmo lento são angustiantes. Tento calcular mentalmente a divisão da distância pelo tempo e sinto uma ansiedade imensa de correr logo até o fim. Começo a perceber o entorno, a distribuição das outras pessoas sob a marquise e, finalmente, a beleza das paisagens revelando-se lentamente. Uma folha de árvore voa com o vento e parece uma borboleta. Skatistas passam por nós em alta velocidade, contrastando com a leveza do momento.

O inglês parece concentrado nessa que foi sua caminhada inaugural no Brasil. Ele já percorreu diversos países do mundo em busca de jornadas inspiradoras, mas não se considera um viajante, já que este não é o objeto de sua obra. "Algumas pessoas vão à selva, depois ao deserto, depois à praia. Eu não quero viajar por viajar. Só me interesso pelos locais onde

STEP BY STEP

The first minutes taking steps at a slow pace are distressing. I try to mentally calculate the division of distance by time and feel an immense temptation to run to the end. I start to perceive my surroundings, the distribution of other people under the marquee and, finally, the beauty of the landscape revealing itself slowly. A leaf from a tree is carried by the wind and looks like a butterfly. Skateboarders pass us by at high speeds, contrasting with the lightness of the moment.

The Englishman looks focused on this, his very first walk in Brazil. He's covered various countries in the world in search of inspiring journeys, but doesn't consider himself a traveler, since this isn't the objective of his work. "Some people go to the jungle, then the desert and then the beach. I don't want to travel just for the sake of traveling. I'm only interested in

Os picos mais altos da América do Norte e do Sul são colocados em polos opostos, brincando com o ponto de vista subjetivo. O espectador é convidado a integrar as caminhadas de Hamish o tempo todo

The highest points in North America and South America are placed at opposite poles, toying with the subjective point of view. Spectators are always invited to take part in Fulton's walks

A ARTE IMITA A VIDA ART IMITATES LIFE

ALGUMAS DAS OBRAS DE HAMISH FULTON, NASCIDAS DO OLHAR ARTÍSTICO SOBRE O CAMINHO PERCORRIDO, RETRATAM MOMENTOS TRIVIAIS E BELOS / SOME OF HAMISH FULTON'S WORKS, BORN FROM THE ARTISTIC VIEW OF THE PATH COVERED, PORTRAY TRIVIAL AND BEAUTIFUL MOMENTS

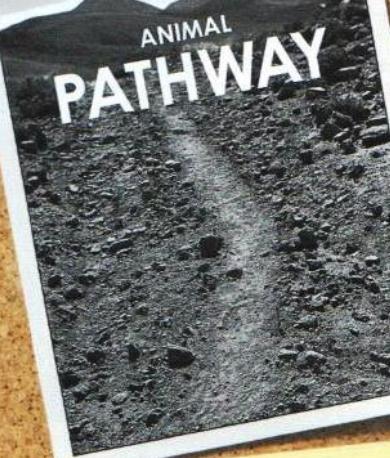


CHOMOLUNGMA

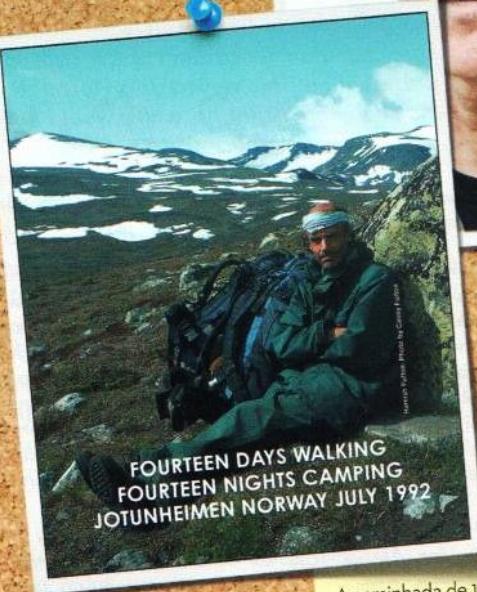
A GUIDED AND SHERPA ASSISTED CLIMB OF MOUNT EVEREST
USING BOTTLED OXYGEN REACHING THE 8850 METRE SUMMIT ON THE MORNING OF 19 MAY 2009
49TH DAY OF THE EXPEDITION VIA NEPAL AND THE SOUTHEAST RIDGE

Hamish se aproximou das questões políticas do Tibet depois da visita ao Monte Everest com um guia local.
Fulton started to discuss Tibet's political issues after visiting Mount Everest with a local guide.

WALKING FROM AND TO THE VILLAGE OF MACHUCA AT 4050 METRES
7 ONE DAY WALKS 3 5 7 9 11 13 15 NOVEMBER 2012 CHILE

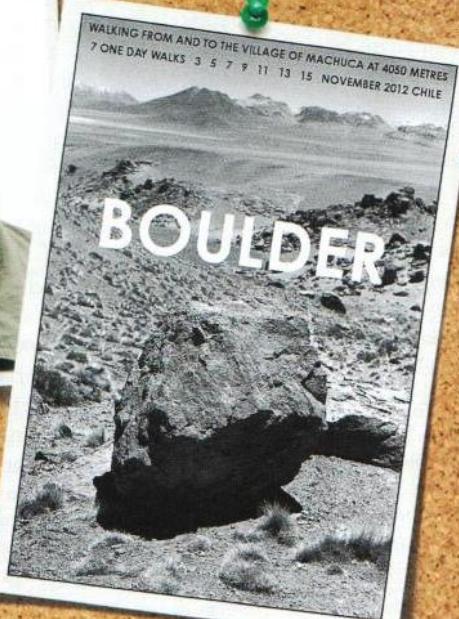


O artista percebe um rastro deixado por animal em trecho das caminhadas pela vila de Machuca, a 4.050 metros de altitude.
The artist notices tracks left by an animal on a stretch of his walks in the village of Machuca, at an altitude of over 13,000 feet [4,050 m].



A caminhada de 1992 pela Noruega durou 14 dias, com acampamentos pelo caminho.

His 1992 walk through Norway lasted 14 days, camping along the way.



Uma simples rocha chama a atenção e pode se tornar objeto central da obra.

A simple rock catches his attention and might become a central object of the work.

A repetição gráfica do Cerro Jorquençal representa as sete subidas de Hamish ao longo dos dias. Na parte de baixo, o artista retratou o vulcão Licancabur, que ele viu todas as vezes em que atingiu o topo

The graphic repetition of Cerro Jorquençal represents Fulton's seven climbs over a few days. In the lower part, the artist portrays the Licancabur Volcano, which he viewed each time he reached the top

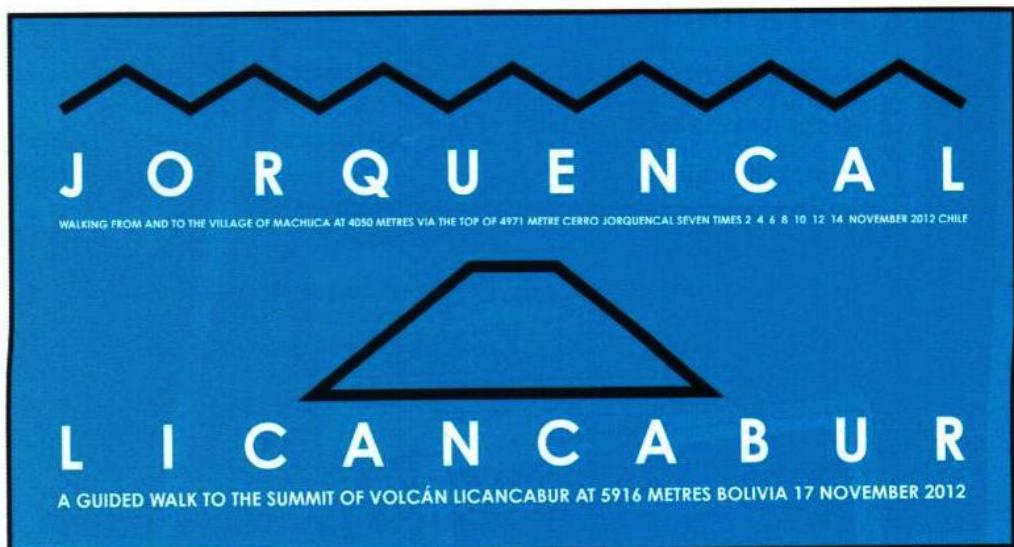


FOTO: DIVULGAÇÃO

posso fazer meu trabalho. Não pretendo criar uma longa lista de lugares que visitei, pois não deposito minha criatividade nisso." Para o olhar artístico e original do peregrino, as ilhas são interessantes por possibilitar caminhadas de costa a costa — a Inglaterra foi cenário de muitas de suas aventuras, assim como o Japão.

A primeira exposição de Hamish foi em Dusseldorf, na Alemanha, em 1969. Poucos anos depois, em uma visita às Linhas de Nazca, no Peru, o artista conheceu a matemática e arqueóloga alemã Maria Reiche, que pesquisava sobre essas misteriosas linhas. Ele notou que Maria não deixava marcas no deserto quando andava com seus chinelos, uma demonstração do cuidado que tinha com a preservação. Isso lhe serviu de inspiração para reduzir ao máximo as transformações que provocaria na natureza em suas caminhadas.

No começo dos anos 90, Hamish sentiu necessidade de fazer algo diferente. Viajou ao Tibete e subiu — sem tubos de oxigênio — os mais de 8 mil metros da montanha Cho Oyu, na Cordilheira do Himalaia, acompanhado por um guia nativo (xerpa). "Todo o meu sistema nervoso estava sendo testado naquela altitude. O cérebro fica mais lento e, como artista, a diferença me fez perceber o mundo de uma outra forma." Depois disso, certa vez caminhou por três dias e duas noites sem parada para dormir, apenas com momentos de descanso para as pernas e alimentação. "No final tive alucinações. Enxerguei um peru em um pedaço de papel", diverte-se.

Hamish foi o primeiro convidado da curadora chilena Alexia Tala para conceber um projeto artístico no Deserto do Atacama, no norte do Chile, em 2012. A expedição que realizou por 14 dias no Cerro Jorquençal é parte da Plataforma Atacama, uma série de interpretações de artistas sobre a região. "É fato que, mesmo se não tivesse sido convidado, eu teria ido ao Atacama. É um local único no mundo em suas características." O resultado está exposto na Galeria Nara Roesler, em São Paulo, juntamente com obras de experiências

locales where I can do my work. I do not intend to create a long list of places that I've visited, being that I don't invest my creativity in this." According to the pilgrim's original and artistic view, islands are interesting because they allow you to walk from coast to coast — England was the setting for many of his adventures, as was Japan.

His first exhibition was in Dusseldorf, Germany, in 1969. A few years later, on a visit to the Nazca Lines in Peru, the artist met German mathematician and archaeologist Maria Reiche, who was researching these mysterious lines. He noticed that Reiche left no marks in the desert when she walked in her flip-flops, a demonstration of the care she took in its preservation. This served as an inspiration for reducing the impact that his walks would have on nature as much as possible.

In the early 1990s, Fulton felt the need to do something different. He traveled to Tibet and climbed — without oxygen tanks — the more than 26,000 feet [8,000 m] up the mountain Cho Oyu, in the Himalayas, accompanied by a native guide (Sherpa). "My entire nervous system was tested at that altitude. The brain gets slower and, as an artist, the difference made me perceive the world in another way." Later on, he once walked for three days and two nights without stopping to sleep, only for a few moments to rest and eat. "In the end, I had hallucinations. I saw a turkey on a piece of paper," he laughs.

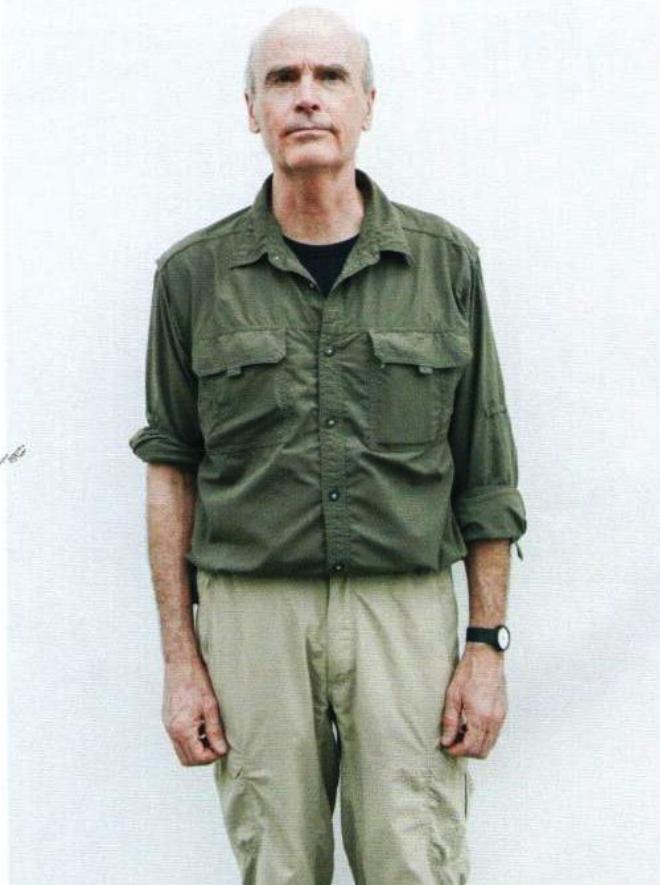
Fulton was the first guest invited by Chilean curator Alexia Tala to conceive of an artistic project in the Atacama Desert in northern Chile in 2012. The expedition that he realized over 14 days in Cerro Jorquençal is part of Plataforma Atacama, a series of artistic interpretations by artists regarding the region. "Even if I hadn't been invited, I would've gone to the Atacama. The locale is the only one of its kind in the world with these characteristics." The result is on display at Galeria Nara Roesler in São Paulo, together with

anteriores, que sempre trazem dados precisos, como distância percorrida e número de dias. "Não há evidências de que fiz isso, mas eu sei que fiz. Em média, 50 caminhadas resultam em quatro obras físicas", calcula. Ele pode andar – sozinho ou acompanhado – até 50 quilômetros por dia, dependendo das condições climáticas e geográficas do local.

Depois de uma longa volta no relógio, o ponteiro indica que minha experiência chegou ao fim. Guardando certo carinho pelo itinerário percorrido, percebo a intensidade da obra de Hamish Fulton. Como na vida, o importante não é atingir o destino, mas desfrutar da trajetória. ■

works from previous experiments, which always come with exact statistics, like distance covered and number of days. "There's no evidence that I did this, but I know that I did. On average, 50 walks result in four physical works," he calculates. He can walk – alone or with company – up to 30 miles [50 km] per day, depending on the locale's climatic and geographic conditions.

After a long trip around the clock, the hand indicates that my experience has come to an end. With a certain affection for the course I've covered, I understand the intensity of Hamish Fulton's work. Just like in life, the important thing isn't to reach your destination, but to enjoy the journey along the way. ■



FIQUE DE OLHO / KEEP AN EYE OUT

ATACAMA 1234567

Onde/Where: GALERIA NARA ROESLER – Avenida Europa, 655, tel. (11) 3063-2344, nararoesler.com.br

Quando/When: Até 2 de junho / Until June 2nd

— U M C E R T O O L H A R — A CERTAIN VIEW

Fulton ensina como adicionar uma perspectiva artística às suas caminhadas – seja em uma grande viagem, seja a partir da porta de sua casa
Fulton teaches how to add an artistic perspective to your walks – whether on a great journey, or just stepping out the door of your home

E “Centralize os esforços na criatividade e explore percursos interessantes. É fantástico andar pela noite toda até o alvorecer. Concentre-se, e a mente se torna meditativa. Paro de procurar pelas coisas e elas vêm à minha cabeça.”

E INVENT
“Centralize your efforts on creativity and explore interesting routes. Walking all night until dawn is fantastic. Concentrate, and your mind becomes meditative. I stop looking for things and they just come into my head.”

S “Não é preciso gastar um grande montante de dinheiro para fazer boas caminhadas. Pense em passeios por onde você vive, em seu bairro, em todos os lugares que puder. Eu já andei muito sem gastar nada além de uns trocados para os sanduíches.”

I IMPROVISE
“You don't need to spend a huge amount of money to take good walks. Think about where you live, your neighborhood, all the places you can. I've walked a lot without spending any money beyond a few bucks for sandwiches.”

D DESCONNECTE-SE
“As pessoas estão constantemente em contato com o mundo e prontas para reportar tudo. Tiram fotos para olhar quando voltam para casa ou enviar a amigos. O jeito que vivemos quebra os momentos.”

D DISCONNECT
“People are constantly in contact with the world and ready to report everything. They take photos to look at when they're back home or to send to their friends. The way we live breaks up moments.”